

## DOSSIER CAIANA #22

### Eco-sensibilidades. Artes, feminismos e a interseções com a natureza na contemporaneidade

#### Coordenadoras:

Paula Guerra (Universidade do Porto, Portugal)

Cláudia de Oliveira (Escola de Belas Artes/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)



@Esgar Acelerado, *Wo.Men Inside Nature*, 2022

As ciências sociais e as humanidades possuem uma particular capacidade de desvendar as omissões acarretadas pela transição do tradicionalismo para a modernidade. Detêm a capacidade de desvelar identidades, interações, sentimentos e modos de inter-relacionamento com o *Outro* e com o meio. Neste entendimento, a arte tem sido decisiva na comunicação de movimentos sociais, na luta e na defesa de causas sociais, políticas e culturais, bem como tem sido uma ferramenta utilizada no presente para narrar o passado e antever o futuro. A arte tem sido um dos elementos responsáveis pela união entre a natureza e o indivíduo, mais concretamente com as mulheres (Oliveira & Guerra, 2022). Aqui reside o foco deste Dossiê: perceber em que medida as artes, os feminismos e a natureza se cruzam e se relacionam num contexto abrangente de interações e fluxos causados pela rapidez da modernidade tardia.

Cogitando na intersecção entre arte, feminismo e natureza, importa mencionar que este Dossiê se debruça sobre a importância das eco-estéticas que surgiram em diversas áreas geopolíticas e que são, normalmente, abafadas pelo eurocentrismo (Demos, 2013). A eco-estética, e a arte, levam-nos a questionar de que forma podem os movimentos sociais – como o feminismo – contribuir para o fomento de uma imaginação ecológica; levam-nos a entender o poder da arte em matéria de questionamento das dicotomias que afastam e/ou aproximam Norte e no Sul Globais (Guerra, 2021; Guerra et al., 2018). Assim, é nosso interesse promover linhas de discussão que contestem/retratam a *financeirização* da natureza, decorrente da globalização neoliberal. Ou ainda, buscamos perceber de que forma a mulher – enquanto sujeito ativo – pode socorrer-se da natureza para pôr cobro à sua dominação e exploração. Não obstante, é importante fazer um apontamento acerca das abordagens transversais inerentes ao paradigma ético/estético de Guattari (1992), uma vez que este insistia que se pensassem nas ecologias – e no feminismo, acrescentamos nós - através de registos subjetivos, sociais e ambientais (Demos, 2013).

Kim (2016) observa que vivemos num mundo pós-colonial no qual reconhecer a realidade implica compreender o contexto. Então, para compreendermos, no presente, a ligação entre as mulheres e a natureza – e o surgimento da arte nesse âmbito – devemos voltar ao passado, ou seja, recuar até Gaia ou até à Deusa Mãe dos períodos paleolíticos e neolíticos, enfatizando, assim, o conceito de hibridismo pois diz respeito a formas de entendimento das vivências pós-coloniais. Isto é, refere-se a ideias que formam um olhar histórico, existencial, cultural e económico (Guerra et al., 2021), dando origem a outras formas de ser e de estar, bem como a novos significados, linguagens e expressões (McRobbie, 2009). Pensando no feminismo de segunda vaga, as teologias feministas incentivaram a produção de uma variedade de discursos e de crítica ao patriarcado e ao androcentrismo, colocando a ênfase no corpo e nas experiências da mulher e no seu devir feminino (Quiñones-Otal, 2018). Contudo, o que nos parece evidente é que as experiências das mulheres e os seus corpos foram amarrados a entendimentos que se prendiam a perspectivas unilaterais e euro-cêntricas, tendo a natureza ficado de fora da equação. De que forma o corpo feminino se posiciona na Terra? E no Cosmos? Posicionar-se-á numa lógica de destruição ou (re)construção ecológica? Estes são aspetos determinantes na atualidade, principalmente no advento das teorias pós-coloniais ou decoloniais. Estes tipos de pensamento propõem discussões em torno da nossa interconetividade e embrenhamento em comunidades de coexistência, que, por conseguinte, podem ser particulares a diferentes espaços e tempos (Segato, 2005).

Por isso, com este Dossiê, pretendemos perspetivar os modos como estes acontecimentos têm sido ultrapassados, tendo como pano de fundo a arte enquanto principal ferramenta de expressão, de comunicação e de afirmação do papel da mulher na natureza. Deste modo, convidamos a que submetam propostas que se enquadrem nos seguintes tópicos, abaixo mencionados:

1. Eco-estéticas, biopolíticas e ativismos: interseccionalidade, afastamentos e opressões na contemporaneidade.
2. Natureza, ecologia, movimentos sociais e o papel da mulher: novas lógicas comunicacionais e discursos emergentes centrados nas perspectivas de género e estéticas feministas.
3. Decolonização das ciências sociais, discursos pós-coloniais e novas perspectivas sobre o mundo social, sobre a ecologia e sobre o feminismo.
4. Movimentos migratórios, natureza e expressões artísticas como ponto de conexão e a(s) arte(s) como agente(s) mediador(es) da simbiose mulher/natureza.

5. Ativismo ambiental, lutas contra o capitalismo, publicações independentes, fanzines e culturas underground como formas renovadas de contestação e de luta contra a violência.
6. Novos movimentos sociais, feminismos, estética e práticas artísticas como formas de luta e de resistência: o lugar do filme e do vídeo; o corpo e as práticas performativas na construção de novos olhares.
7. Eco-sensibilidades, eco-estratégias e eco-práticas artísticas de combate face à opressão patriarcal, à financeirização da natureza, à destruição do planeta e à opressão da mulher.

## REFERÊNCIAS

- Demos, T.J.** (2013). Contemporary Art and the Politics of Ecology. *Thrid Text*, 27 (1), 1-9.
- Guattari, F.** (1992). *Cosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34.
- Guerra, P. (2021). So close yet so far: DIY cultures in Portugal and Brazil. *Cultural Trends*, v.30, 122-138.
- Guerra, P.; Bittencourt, L. & Gelain, G.** (2018). "Punk Fairytale": Popular Music, Media, and the (Re) Production of Gender. In M. Texler Segal & V. Demos (eds). *Gender and the Media: Women's Places* (pp. 49 – 68). Bingley: Emerald Publishing Limited.
- Guerra, P.; Hoefel, G.; Sousa, S. & Severo, D.O.** (2021). "Tu é machista". Música, ativismo estético-político e (re)configuração social e política nos tempos presentes. *Revista Nava*, 6 (1-2), 267-297.
- Kim, G.J.S.** (2016). Hybridity, Postcolonialism and Asian American Women. *Feminist Theology*, 24 (3), 260-274.
- McRobbie, A.** (2009). *The aftermath of feminism: Gender, culture and social change*. London: Sage.
- Oliveira, C. & Guerra, P.** (2022). *Artes Feministas, Artivismos e Sul Global*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Quiñones-Otal, E.** (2018). Women's bodies as dominated territories: Intersectionality and performance in contemporary art from Mexico, Central America and the Hispanic Caribbean. *Arte, Individuo y Sociedad*, 31 (3), 677-693.
- Segato, R. L.** (2005). Território, soberania e crimes de segundo Estado: a escritura nos corpos das mulheres de Ciudad Juarez. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.13. n.2, 265-285.

## SOBRE AS APRESENTAÇÕES

Os artigos devem ser originais e não devem ser submetidos simultaneamente a outras revistas.

As PROPOSTAS devem ser enviadas para [revistacaiana@gmail.com](mailto:revistacaiana@gmail.com)

Assunto: "Dossier caiana #22"

**Prazo para envio** de propostas: 14 de fevereiro de 2023

**Publicação da edição:** Julho de 2023

A CAIANA está indexada no catálogo do sistema de informação Latindex, European Reference Index for Humanities (ERIH PLUS) y DOAJ (Directory of Open Access Journal).

Para que o artigo seja considerado para avaliação, deve estar em conformidade com as directrizes editoriais da revista:

<http://caiana.caia.org.ar/template/caiana.php?pag=../static/normas.php>